

“A BICHA PRETA PENTECOSTAL INCOMODA!”: UMA FALA SOBRE GÊNERO, RAÇA E RELIGIÃO¹

Data de aceite: 01/09/2023

Átila Augusto dos Santos

Doutorando pela PUC/SP (2023-2027).
Mestre em Ciências da Religião pela
UMESP (2022). Pesquisa: Gênero,
Negritude, Pentecostalismo e Igrejas
Inclusivas. Graduação em teologia pela
UMESP 2018. Graduação em direito pela
Universidade Cruzeiro do Sul (2001).
Pastor e advogado atuante. Faz parte do
Grupo de Pesquisa «Gênero e Religião»
da Revista Mandrágora/NETMAL
(UMESP) e membro da Associação
Brasileira De Pesquisadores/As Negros/
As (ABPN)
<http://lattes.cnpq.br/6149596350878500>
<https://orcid.org/0000-0001-9245-4437>

RESUMO: No Brasil, já há muito tempo a maioria das masculinidades é impactada pela figura da “bicha”, homens gays que não se adequam ao padrão dominante. Em contraposição, está o gay normatizado, aquele que nega a bicha. Há um sentimento simbólico de pertença que limita comportamentos e lugares com base em interpretações conservadoras religiosas e sociais, que regula e controla os corpos,

às vezes perpetuando desigualdades em pessoas que não se enquadram na norma heterossexual, como é o caso da “bicha preta pentecostal”. As religiões, inclusive a pentecostal, referendam a heterossexualidade e a branquidade como elementos que garantem uma existência no centro, indicando a margem como o lugar adequado para gays afeminados, viados, bichas e, também, para os/as pretos/as pentecostais. A ideia de sua existência é rejeitada pela maioria religiosa. A ferramenta da interseccionalidade (CRENSHAW, 2002) ajuda a questionar o eixo rígido da equação homem/branco/hétero, que é o padrão do sistema patriarcal e que destrói subjetividades fora da norma. O objetivo é questionar a existência da “Bicha Preta Pentecostal” em igrejas inclusivas, através de um olhar interseccional a esse “combo” de opressões e subalternidades. A Interseccionalidade ajuda a destacar as fissuras e marcas dessas pessoas que estão à margem da sociedade e que insistem em persistir em seus espaços. Neste texto, entrevistas resgatam a vivência de bichas pretas pentecostais da Igreja Nova Esperança de São Paulo para trazer

1. Este texto é resultado de minha pesquisa de mestrado, podendo conter trechos, desdobramentos e parte das entrevistas.

luz à construção de um “lugar” para esta parcela da população brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Pentecostalismo, igreja inclusiva, raça/etnia, sexualidade, gênero.

“THE PENTECOSTAL BLACK FAGGOT BOTHERS!”: A TALK ABOUT GENDER, RACE AND RELIGION

ABSTRACT: In Brazil, for a long time now, most masculinities have been impacted by the figure of the “faggot”, gay men who do not conform to the dominant pattern. In contrast, there is the normalized gay, the one who denies the faggot. There is a symbolic sense of belonging that limits behaviors and places based on conservative religious and social interpretations, which regulates and controls bodies, sometimes perpetuating inequalities in people who do not fit the heterosexual norm, as is the case of the “Pentecostal black faggot”. Religions, including Pentecostal, endorse heterosexuality and whiteness as elements that guarantee an existence in the center, indicating the margin as the appropriate place for effeminate gays, faggots, fags, and also for black Pentecostals. The idea of its existence is rejected by the religious majority. The intersectionality tool (CRENSHAW, 2002) helps to question the rigid axis of the man/white/straight equation, which is the standard of the patriarchal system, and which destroys subjectivities outside the norm. The objective is to question the existence of the “Pentecostal black faggot” in inclusive churches, through an intersectional look at this “combo” of oppression and subordination. Intersectionality helps to highlight the fissures and marks of these people who are on the margins of society and who insist on persisting in their spaces. In this text, interviews rescue the experience of Pentecostal black faggots from the Nova Esperança Church in São Paulo to shed light on the construction of a “place” for this portion of the Brazilian population.

KEYWORDS: Pentecostalism, inclusive church, race/ethnicity, sexuality, gender.

1 | LUGAR DE FALA

Meu nome é Átila Augusto dos Santos e considero importante mencioná-lo desde o início, pois, parafraseando Lélia Gonzales (1994), “negro tem que ter nome e sobrenome, senão os brancos arranjam um apelido... ao gosto deles”. O protagonismo nominal e racial é crucial, como destaca Sueli Carneiro (2017), ao afirmar que nós, pessoas negras, estamos na vanguarda das lutas pelo pleno exercício da cidadania, mas sempre ficamos para trás. Somos aqueles para os quais nunca houve um projeto real e efetivo de integração social, mas que agora não podem mais ser excluídos. Com esse espírito, pretendo contar e escrever sobre a experiência da Bicha Preta Pentecostal e o incômodo que ela provoca.

Ao pensar nessa Bicha Preta Pentecostal, apresento minha própria experiência como membro de uma igreja inclusiva pentecostal desde 2004. Tenho 50 anos, sou negro, gay e tenho formação em ciências jurídicas pela Universidade Cruzeiro do Sul - UNICSUL, Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo - UMESP, mestrado em Ciência da Religião também pela UMESP e agora estou cursando doutorado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, pesquisando gênero e negritude no pentecostalismo

brasileiro. Há 20 anos, estou em uma união estável com meu companheiro e somos pais de um menino de dois anos. Atuo como pastor em uma igreja inclusiva pentecostal há mais de 15 anos.

Assim como os/as negros/as têm nome e sobrenome, eles/as também têm família e história. Minha família nuclear é muito parecida com muitas outras famílias “tradicionais”² negras dos anos 70: pai, mãe e quatro filhos criados e educados como cristãos pentecostais na extrema periferia de São Paulo. Nasci no Jardim Ângela, bairro da zona sul de São Paulo, e sou o primogênito da família. Meu pai, José, e minha mãe, Lídia, são migrantes de Minas Gerais, chegaram na década de 70. Meu avô materno, Generoso, e minha avó materna, Margarida, que era neta de escravizados, foram pioneiros no interior de Minas Gerais, abrindo e inaugurando várias igrejas pentecostais Assembleias de Deus nas décadas de 60 e 70. Meu avô paterno, Ângelo, também era neto de escravizados, e minha avó paterna, Maria, filha de portugueses, era católica praticante.

Como homem cis, gay, negro e proveniente de uma família preta, pobre e pentecostal, enfrentei e ainda enfrento muitas discriminações da igreja Assembleia de Deus devido à minha orientação sexual, o que resultou em minha exclusão/expulsão no final dos anos 1990. No entanto, mantive minha fé cristã e encontrei nas igrejas inclusivas pentecostais um lugar para ser eu mesmo (DIAS, 2022).

2 | AS IGREJAS INCLUSIVAS

As igrejas inclusivas não condenam a sexualidade “dissidente”, mas a celebram como um dom de Deus criador. Elas surgem das lutas políticas, sociais e religiosas dos LGBTI+ e, no Brasil, têm se estabelecido na busca pela identidade evangélica há cerca de 20 anos (NATIVIDADE, 2016, 2008; DIAS, NATIVIDADE, 2022; DIAS, 2022; SANTOS, 2022). Em outras palavras, essas igrejas adotaram uma abordagem progressista em relação à diversidade sexual e de gênero, rompendo com as tradições religiosas conservadoras que historicamente excluíram e marginalizaram as pessoas LGBTI+.

O crescimento dessas igrejas inclusivas no Brasil evidencia a busca por um espaço de religiosidade que abrace uma maior parcela das experiências humanas, valorizando a identidade racial e a orientação sexual das pessoas LGBTI+. Além disso, destaca o movimento de resistência e empoderamento das pessoas negras LGBTI+ que encontram nessas igrejas um lugar onde podem afirmar sua fé sem negar sua identidade, superando narrativas religiosas excludentes e proporcionando um espaço de pertencimento e celebração de suas identidades.

As igrejas inclusivas oferecem um ambiente de acolhimento onde a vivência da fé e da espiritualidade não é incompatível com a identidade LGBTI+ e negra. No Brasil, a

2. Fernanda Coelho (2017) e Tainah Dias (2017) analisam o reforço político de configurações familiares tradicionais por parte de políticos religiosos no Congresso Brasileiro.

maioria dessas igrejas é pentecostal e tem acolhido uma grande quantidade de pessoas negras LGBTIQ+ que optaram por se “aquilombar”³ nessas comunidades religiosas (SANTOS, 2022). Portanto, quando se fala em “aquilombar” em igrejas inclusivas pentecostais, isso implica em encontrar abrigo, proteção e aceitação em um espaço religioso que valoriza e celebra não somente a identidade sexual das pessoas negras LGBTIQ+, mas também sua identidade racial.

Não se pode negar o amplo apoio social, psicológico e espiritual que essas igrejas têm fornecido para parte da comunidade LGBTIQ+, incluindo pessoas negras, que, por outro lado, são alvo de intolerâncias e violências simbólicas. No entanto, ainda há um longo caminho a percorrer para eliminar algumas contradições nesses espaços que se pretendem inclusivos, com várias interseções entre raça, classe, gênero e sexualidade.

3 | A BICHA PRETA PENTECOSTAL INCOMODA

Aqui, quero me concentrar no lugar de ser e existir como apresentado por Tainah Dias (2022) do sujeito religioso pentecostal LGBTIQ+, que incomoda, no caso, a Bicha Preta.

O desafio é refletir e analisar a interseccionalidade das vivências, experiências e atravessamentos da pessoa que se identifica como “Bicha Preta Pentecostal” dentro e fora de uma igreja inclusiva, como a Nova Esperança. Nesse contexto, a figura da bicha incomoda e perturba, pois é vista como abjeta e demonizada pela sociedade, pelos evangélicos e pelos pentecostais. No Brasil, esses corpos são considerados um não lugar, e por vezes são alvo de violência e não são vistos (BUTLER, 2019) como habitáveis.

A bicha incomoda não apenas os homens cisgêneros heterossexuais, mas também a maioria das masculinidades e sexualidades dominantes, como o gay normatizado, aquele que se encaixa nos padrões comportamentais impostos pela sociedade para o comportamento masculino. Ao fazer isso, ele nega a existência da bicha. Essa dinâmica cria uma hierarquia (BUTLER, 2015) entre os homens homossexuais, transferindo um problema real para a comunidade LGBTIQ+.

Analisando linguisticamente o termo “bicha preta”, podemos refletir sobre a estigmatização, estereotipação, exotização, sexualização, rejeição, invisibilidade e marginalização dessa pessoa. A palavra “bicha” parece ser uma adaptação da palavra francesa “biche”, que significa corça, o feminino de “viado”. Embora essa adaptação possa ser verdadeira, devemos ter cautela, pois o termo tem vários significados no Brasil, como parasita intestinal, verme e sanguessuga.

Atualmente, o termo “bicha preta” combinado com “pentecostal” está relacionado a questões identitárias, econômicas, sanitárias, políticas e religiosas. Portanto, falo com base em minhas próprias vivências sobre a negritude, homossexualidade e pentecostalismo como características que, em uma sociedade branca, heteronormativa e

3. O termo “aquilombar” remete à ideia de formar um quilombo, uma referência histórica aos assentamentos de pessoas negras escravizadas que buscavam liberdade e autonomia em comunidades independentes.

cristã fundamentalista, são consideradas inferiores em várias dimensões, como intelecto, cor, sexualidade e identidade de gênero (BUTLER, 2016).

Apenas recentemente, as próprias pessoas negras adotaram apelidos como “bicha preta” e outros termos para se sentirem mais empoderadas, revertendo o sentido negativo e transformando-o em um sentimento de empoderamento e consciência negra.

A mera existência de uma pessoa que se identifica como “bicha preta” e pentecostal desafia e perturba o modelo rígido do homem/branco/heterossexual, que é o padrão estabelecido pelo sistema patriarcal. Esse padrão se mantém apenas ao argumentar erroneamente que existem pessoas “fora do padrão”, como indígenas, mulheres, pessoas trans, negros e pessoas LGBTI+. Isso é uma forma de violência que nega outras formas de ser, agindo como um efeito colonizador que destrói subjetividades consideradas fora da norma.

A cis-heteronormatividade perpetua a violência do homem/branco/heterossexual, que se autoproclama “superior” ao diminuir a existência e o espaço do outro, assim como ocorreu na expansão marítima, que impulsionou a colonização de povos originários africanos e suas culturas. Isso pode nos ajudar a refletir sobre o porquê e, em parte, a escravidão, o machismo, o racismo e a LGBTI+fobia são mecanismos sociais de inferiorização do outro que insistem em permanecer e oprimir pessoas, inclusive em ambientes religiosos permeados por relações de poder (FOUCAULT, 1999).

Esses mecanismos de opressão nos remetem ao conceito de interseccionalidade sistematizado por Kimberly Crenshaw (2002) onde gênero, raça, classe, sexualidade e religião, podem ser entendidos como avenidas que atravessam o corpo. No corpo da bicha preta pentecostal, percebemos que esses fatores influenciam e estabelecem conexões com o racismo, o patriarcalismo e a subalternização de classes, além de outras opressões, como a da sexualidade de pessoas pretas pentecostais. Essa ferramenta analítica possibilita a interação entre áreas do conhecimento, como estudos feministas, de gênero, de diversidade sexual, de religião e étnico-raciais. Ela ajuda a iluminar as fissuras e marcas dessas pessoas à margem da margem, que resistem e não desistem de ocupar seus espaços.

Fato é que existe um sentimento simbólico de pertencimento que dita e limita comportamentos e lugares. Isso também pode ser visto no ambiente religioso. Baseados em interpretações bíblicas, teológicas e sociais conservadoras que remetem ao controle e regulação dos corpos, o discurso religioso acaba, por vezes, perpetuando desigualdades em pessoas que não apresentam “corpos dóceis” e não se enquadram na heteronormatividade. Esse é o caso da Bicha Preta Pentecostal. A situação é agravada pelo componente racial. Portanto, podemos deduzir que o controle sobre as sexualidades e os pertencimentos raciais parte de vários lugares e muitas vezes é referendado pelas religiões conservadoras, inclusive as pentecostais, através de discursos e ações que legitimam a heterossexualidade e a branquitude como elementos que garantem

uma existência no centro, indicando a margem como o lugar adequado para os gays afeminados, para os viados, para as bichas pretas pentecostais.

Através de um olhar interseccional sobre esse conjunto de opressões e subalternidades, a Bicha Preta Pentecostal incomoda porque questiona esse “não lugar”, com a possibilidade de existir e (r)existir em igrejas inclusivas. Mesmo dentro destas igrejas, assim como em outras instituições e tradições, há expectativas em relação aos papéis de gênero, como por exemplo o corpo bem mais feminino por vezes é o que se espera de uma bicha crente pentecostal (SANTOS, 2022).

4 | A ANCESTRALIDADE DA BICHA PRETA PENTECOSTAL

A bicha é frequentemente associada à feminilidade, porque “biche”, além de corça, também é uma referência a uma jovem mulher na França. A feminização é vista como um critério para alguém se tornar uma bicha. Peter Fry e Edward MacRae (1985) afirmam que, no contexto social, a bicha só pode ser feminina, ou seja, é sempre inferior. Para ser considerado uma bicha, não basta ter relações com outros homens, é necessário ter comportamento feminino.

No entanto, essa hierarquização parece ser frágil e questionável. Oyeronke Oyewumi (2021), em sua obra “A Invenção da Mulher”, apresenta uma análise profunda que pode ser relacionada de maneira significativa com a experiência da bicha preta. Ela questiona a aplicação indiscriminada das teorias ocidentais de gênero a outras culturas, argumentando que o gênero não é uma construção social universal e atemporal, mas sim uma construção histórica e culturalmente específica, ela aponta que a mulher como categoria social, não existia na sociedade lorubá no tempo pré-colonial, por exemplo.

Oyewumi descreve uma cosmovisão que agrega um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero e que chama atenção para a função que teve a tradução cultural e linguística para os processos de colonização e inserção do gênero na sociedade lorubá que é isenta de gênero em comparação com outra que seria estruturada em torno do gênero, o Inglês. Se na língua inglesa já há uma forte presença da lógica colonial aos sentidos do gênero, no português, o fenômeno é ainda mais intenso e estruturante de opressões.

Ressaltamos que, muito embora a sociedade lorubá tenha sido hierarquizada, essa relação entre os indivíduos era organizada a partir da ancestralidade ou da idade e não de gênero. O comércio de escravos pelo Atlântico provocou uma mudança na sociedade lorubá e a partir da estrutura social baseada na idade para hierarquizar baseado no gênero. Isto revela como a narrativa ocidental da corporeidade sexista, que coloca o corpo como base para a definição de papéis sociais, está intrinsecamente ligada à hegemonia cultural e ao domínio das culturas europeias e mais recentemente estadunidenses no sistema global.

Essa perspectiva crítica ressoa com a experiência da bicha preta pentecostal, que muitas vezes se encontra marginalizada e estereotipada dentro e fora de sua comunidade religiosa. A imposição de ideais cis-heteronormativos e binários de gênero pode criar um ambiente hostil e excludente, negando as vivências e identidades de pessoas com sexualidades dissidentes.

A análise de Oyewumi (2021) também nos leva a questionar as bases biológicas do gênero e a ideologia do determinismo biológico que permeia os sistemas ocidentais de conhecimento. A concepção de gênero como uma construção histórica e cultural desafia a noção de que existe uma essência biológica fixa e universal que determina a identidade de gênero de uma pessoa. Isso é especialmente relevante para a compreensão da bicha preta pentecostal periférica, cuja existência desafia as normas de gênero e sexualidade estabelecidas.

Ao relacionar as ideias de Oyewumi (2021) com a experiência da bicha preta pentecostal, podemos reconhecer a importância de reconstruir narrativas de gênero mais inclusivas e sensíveis à diversidade cultural. Isso envolve desafiar a imposição de padrões cis-heteronormativos e valorizar as vivências e identidades individuais, permitindo uma compreensão mais profunda e compassiva da experiência desses indivíduos marginalizados.

Pensando em novas narrativas queremos, aqui, inaugurar uma nova forma de apropriação linguística. Pensando o “pretoguês” cunhado por Lélia Gonzalez (1988) assumimos no título do próximo tópico o linguajar “pretogays”, típico da comunicação de pessoas gays e que também é utilizado nas igrejas inclusivas.

5 | FALA “BEE”, “CONA!”⁴: ENÉAS, ANDRÉ E JANDEIRSON

Por meio dos relatos de meus entrevistados, Eneas, André e Jandeirson, bichas pretas pentecostais frequentadoras da igreja inclusiva Nova Esperança, podemos compreender a complexidade de suas experiências dentro desse contexto religioso. Durante meu trabalho de campo, tive a oportunidade de conversar com eles em minha casa, em uma tarde de maio de 2022, após o período de pandemia.

Eneas, um homem negro brasileiro, gay e solteiro de 53 anos, foi o primeiro ministro de louvor de uma igreja inclusiva pentecostal. Quando questionado sobre sua falta de relacionamentos amorosos ou casamento com homens da igreja inclusiva, Eneas respondeu que nunca teve a oportunidade de ser feliz nesse aspecto. Ele mencionou que a maioria das pessoas na igreja inclusiva encontra parceiros fora da igreja devido a critérios como aparência, situação financeira e status acadêmico. Ele atribuiu sua falta de sorte e oportunidade a questões relacionadas à sua localização geográfica e sua formação

4. “Bee”, trata-se de nome meigo para amigo gay e “Cona”, trata-se de derivado de mariconna, que é o homossexual mais velho, em alguns lugares com mais de 40 anos (ALBUQUERQUE, 2015, s/p). Todos os entrevistados tem idade igual ou superior a 40 anos.

profissional, nas suas palavras:

[...] porque nunca apareceu uma oportunidade, não tive a sorte e a alegria de ter essa felicidade... a maioria das pessoas da igreja inclusiva consegue companheiros fora da igreja, por causa da aparência, situação financeira e acadêmica... apenas com pessoas estudadas... por questão da localidade de onde mora e da faculdade que estudou e a questão profissional (Diário de Campo, Maio de 2022).

A trajetória amorosa de André não é muito diferente. Ele é um vendedor solteiro e um dos primeiros negros a serem batizados na igreja inclusiva Nova Esperança, durante um retiro no interior de São Paulo. Vale ressaltar que André chegou à igreja inclusiva devido a um relacionamento com um namorado, uma experiência compartilhada por muitos homens gays. É importante destacar que apenas homens brancos o procuravam para namorar, o que revela a sexualização do corpo negro gay.

Jandeirson, por sua vez, é um docente solteiro que iniciou sua jornada de fé cristã inclusiva na Nova Esperança, mas também teve experiências em religiões de matriz africana, onde conseguiu estabelecer relacionamentos afetivos com outros gays negros. O artigo “As diásporas da bixa preta: sobre ser negro e gay no Brasil”, escrito por Lucas Veiga (2018), oferece uma análise significativa sobre a questão do pertencimento e exclusão. O autor discute as experiências de indivíduos que enfrentam preconceito por serem negros, homossexuais e, por vezes, religiosos. Essa situação está relacionada às interseções com a figura do homem branco, heterossexual e considerado padrão pela sociedade patriarcal, enquanto os negros e gays estão fora desse padrão. A exclusão do modo de vida cis-heterossexual resulta em várias formas de violência contra as subjetividades e os corpos considerados “desviantes”, que não se submetem à colonização.

A masculinidade ocidental é construída sobre a lógica violenta do homem branco e do sistema patriarcal. Para o homem negro, que não pode deixar de ser negro para se manter vivo, assumir os códigos morais e de conduta do “macho-alfa” branco é uma forma de busca por aceitação e reconhecimento dentro de um padrão heteronormativo. No entanto, isso leva, muitas vezes, à exclusão das mulheres e das pessoas LGBTI+, perpetuando violência e opressão.

Veiga (2018) utiliza a metáfora de uma “segunda diáspora” para descrever o sofrimento enfrentado pelos jovens negros homossexuais, que são forçados a negar sua sexualidade para serem integrados e aceitos. Essa violência e sofrimento são ainda mais intensos quando ocorrem nos próprios “quilombos”, espaços que deveriam oferecer proteção, como a família, a vizinhança, os espaços de fé e até mesmo o movimento negro. Isso resulta em uma condição de “afeto-diáspora”, na qual a sexualidade é negada e a pessoa vive protegida, ou é assumida e fica desprotegida.

É importante lembrar que, a cada 23 minutos, um jovem negro é assassinado e, a cada 28 minutos, um indivíduo LGBTI+ é morto, numa alusão a “necropolítica”. Segundo

Mbembe (2018), a necropolítica não se resume apenas a usar a vida como instrumento, mas também a destruir corpos. No caso brasileiro, não se trata apenas de permitir que as pessoas morram, mas, instrumentalizado pelo poder estatal, de causar a morte também nas grandes periferias urbanas brasileiras.

A interseção desses dados torna os gays negros ainda mais vulneráveis à violência física, psicológica e afetiva. Muitos gays negros buscam refúgio em igrejas cristãs protestantes e pentecostais para escapar dessas violências, superar a rejeição familiar e social. No entanto, a maioria não se sente acolhida nessas igrejas tradicionais, que não reconhecem a homossexualidade como um dom de Deus.

Abandonar a igreja nem sempre é uma opção voluntária, pois muitos fiéis não o fazem por perderem a fé, mas sim porque a instituição os força a fazê-lo, de maneira sutil ou violenta. Aqueles que desempenham papéis de destaque, como líderes do ministério de louvor ou integrantes de grupos teatrais, muitas vezes acabam deixando o púlpito devido ao desprezo e agressões sofridas por aqueles que se autodenominam cristãos. Essa perda de membros enfraquece a igreja e esvazia o cristianismo de sentido.

Nesse contexto, as igrejas inclusivas desempenham um papel religioso benéfico, acolhendo os LGBTI+ “rejeitados” pelas igrejas tradicionais, como é o caso das bichas pretas pentecostais Eneas, André e Janderson, apesar dos desafios que enfrentam dentro dessas igrejas na tentativa de reduzir a quantidade de gays negros que sofrem com o multifacetado racismo brasileiro.

A dificuldade nas relações amorosas dos homossexuais negros está relacionada à baixa autoestima e à sensação de rejeição e insegurança causadas pelo racismo e pelo capitalismo (FANON, 2008). Segundo Fanon (2008), a superação ocorre ao recuperar o senso de amor-próprio como pessoa negra, sem a influência do colonizador branco, reconhecendo o valor como descendente de um povo que já trabalhava o ouro e a prata há mais de dois mil anos.

Pensando os afetos e espaços de afetos, assim como em outras esferas da sociedade que até os dias de hoje se sustentam por meio do trabalho dos corpos negros, as igrejas inclusivas surgiram com base nos saberes, espiritualidades e contribuições de homens gays pretos e/ou bichas pretas pentecostais (SANTOS, 2022), bem como de mulheres negras lésbicas, que deram origem a diversas denominações pentecostais que continuam a se multiplicar.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências dessas bichas pretas pentecostais periféricas estigmatizadas evidenciam o incômodo que sua presença causa na sociedade e algumas esferas religiosas, dentre as quais, religiões cristãs. Elas desafiam os padrões heteronormativos e as noções hegemônicas de masculinidade e espiritualidade presentes nas igrejas evangélicas. A

masculinidade ocidental, construída a partir da lógica violenta do homem branco e do sistema patriarcal, é imposta como norma e marginaliza aqueles que estão fora desse padrão, como negros, gays e bichas.

Essa marginalização é ainda mais intensa nas próprias comunidades negras (quilombos), nas famílias, nos espaços de fé e até mesmo nos movimentos negros, onde a homossexualidade é negada e rejeitada. A solidão e o sofrimento enfrentados por esses indivíduos são reflexos de uma sociedade marcada pelo racismo, machismo e LGBTI+fobia.

Oyewumi também aponta para a imposição das categorias de gênero ocidentais em outras culturas, evidenciando como a ideia de “mulher” não existia na cultura lorubá, por exemplo. Essa reflexão nos convida a repensar as categorias sociais e a questionar a imposição de padrões binários de gênero e sexualidade.

A presença das bichas pretas pentecostais nas igrejas inclusivas desafia a ordem estabelecida e expõe as contradições e opressões presentes nessas instituições religiosas. Essas bichas pretas pentecostais, através de sua existência e resistência, questionam as normas de gênero, sexualidade e espiritualidade que são impostas de forma universalizante.

No entanto, essas igrejas inclusivas ainda enfrentam desafios internos na busca por diminuir a quantidade de homens gays pretos solteiros que sofrem o racismo multifacetado brasileiro. Ainda há a predominância da figura do homem branco, inclusive nas lideranças dessas igrejas. É necessário reconhecer e valorizar a contribuição das bichas pretas pentecostais que abriram caminho para a ampliação dessas denominações religiosas.

A existência da bicha preta pentecostal incomoda, mas também representa uma resistência dentro dos espaços religiosos evangélicos permeados por dinâmicas de poder. Através de suas vivências, as bichas pretas pentecostais questionam e desestabilizam as estruturas e dispositivos de poder que tentam padronizar masculinidades e espiritualidades inspiradas na cis-heteronormatividade branca hegemônica. Em meio às violências e opressões que enfrentam, as bichas pretas pentecostais resistem. Essa resistência é um lembrete de que a luta por existência e reconhecimento continua, mesmo diante das adversidades.

A interseccionalidade de gênero, raça e religião, com base no conceito cunhado por Kimberly Crenshaw (2002), nos auxilia a tentar compreender a complexidade e o incômodo que a figura da Bicha Preta Pentecostal causa na sociedade e nas instituições religiosas. Essa figura desafia as normas e padrões heteronormativos, assim como as estruturas patriarcais e racistas presentes nessas esferas. Isso não é surpreendente, considerando o pensamento de Lélia Gonzales (1994) e Sueli Carneiro (2017) de que, no Brasil, a raça estrutura a classe desde a “abolição”.

A Bicha Preta Pentecostal representa a intersecção de múltiplas opressões e subalternidades. Ela enfrenta a discriminação racial, a LGBTI+fobia e a marginalização dentro das instituições religiosas, que muitas vezes reforçam a heterossexualidade e a branquitude como elementos centrais de existência.

A existência da Bicha Preta Pentecostal incomoda porque ela desafia e perturba a ordem estabelecida. Ao afirmar sua identidade e espiritualidade, ela questiona as noções hegemônicas de masculinidade, sexualidade e espiritualidade impostas pela sociedade e pelas religiões conservadoras. Sua presença expõe as contradições e opressões presentes nessas instituições religiosas, que precisam enfrentar os desafios internos e reconhecer a importância da diversidade de experiências e identidades.

A interseccionalidade nos ajuda a compreender a complexidade das vivências da Bicha Preta Pentecostal, reconhecendo as interações e influências mútuas entre raça, gênero, sexualidade e religião. Ela nos mostra que a luta por igualdade e justiça não pode se limitar a uma única forma de opressão, mas sim abranger todas as formas de discriminação e desigualdade que afetam as pessoas marginalizadas.

Ao valorizarmos as vozes e vivências da Bicha Preta Pentecostal, reconhecemos a resistência e a resiliência desses indivíduos que insistem em ocupar seus espaços e reivindicar sua existência. Suas experiências nos convidam a repensar as normas sociais e religiosas impostas (NATIVIDADE, 2016; promovendo uma sociedade mais inclusiva, que acolhe e celebra a diversidade de identidades e expressões.

Portanto, a figura da Bicha Preta Pentecostal nos lembra da importância de construir espaços religiosos e sociais que acolham e valorizem a diversidade, desafiando as estruturas opressivas e trabalhando em prol da igualdade e da justiça para todas as pessoas, independentemente de sua raça, gênero, sexualidade ou religião.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Marcelo. **Dicionário gay em 65 expressões traduzidas para héteros**: As gírias mais divertidas e faladas na comunidade LGBTQBT. Disponível em: < <https://www.curtamais.com.br/goiania/dicionario-gay-em-65-expressoes-traduzidas-para-heteros> > Acesso 25 junho 2023.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 11ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. 288p.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra**: quando a vida e passível de luto. 2015. BUTLER, Judith. **Vida precária**: os poderes do luto e da violência tradução. Andreas Lieber; revisão técnica Carla Rodrigues, 1 ed. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2019.

CARNEIRO, Sueli. Sobrevivente testemunha e porta voz (entrevistada por Bianca Santana 09.05.2017) **Revista Cult**. Disponível em: < <https://revistacult.uol.com.br/home/suelicarneiro-sobrevivente-testemunha-e-porta-voz/> > Acesso em: 31 mai, 2022.

COELHO, Fernanda Marina Feitosa. **“MENINO JÁ NASCE MENINO, MENINA JÁ NASCE MENINA”**: Fobia religiosa de gênero e suas implicações no debate sobre o Plano Nacional de Educação brasileiro no período 2012-2014, 2017. 131p. Dissertação de Mestrado (Ciências da Religião). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2017.

CRENSHAW, Kimberlé (2002). Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Rev. **Estudos feministas**, 10(172), p. 171-188.

DIAS, Tainah Biela. **Sobre Religião, Estado Laico e Cidadania LGBT+:** a Frente Parlamentar Evangélica e a defesa da *verdade sobre a família*. 2017. 151 p. Dissertação de Mestrado (Ciências da Religião). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2017.

DIAS, Tainah Biela. **Um “lugar para ser”** (tese): Reconstruções identitárias de pessoas LGBTI+ cristãs nas igrejas da comunidade metropolitana. Universidade Metodista de São Paulo - Escola de Comunicação, Educação e Humanidades Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião São Bernardo do Campo, 2022

DIAS, Tainah Biela. NATIVIDADE, Marcelo. Pastorais sexuais e gestão da vida íntima: casamento, afetividades e violência em igrejas inclusivas. **Cadernos Pagu**, São Paulo, 2022 <https://www.scielo.br/j/cpa/a/dJZDgH38Q9kMjYfLNmhmJvD/> Acesso em: 03 jun.2023

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Bahia: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade I:** a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. O que é homossexualidade. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos) In: **FATO & VERSÕES**, Uberlândia, v. 4, n. 7, p. 26-52, 2012.

GONZALES, HOMENAGEM A. LÉLIA. Lélia fala de Lélia. **Estudos Feministas**, p. 383-386, 1994.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: 1 edições, 2018

NATIVIDADE, Marcelo. 2016. **Igrejas inclusivas nascem da intenção de repensar a tradição religiosa**. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/29/politica/1469820936_254948.html > Acesso em: 28 jun, 2023.

NATIVIDADE, Marcelo. **Deus me aceita como eu sou: a disputa sobre o significado da homossexualidade entre evangélicos no Brasil**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ. Mimeo, 2008.

OYĚWŪMÍ, Oyèrónkẹ. 2021. **A invenção das mulheres:** construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero Trad. Wanderson Flor do Nascimento. - 1. ed - Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2021. 324 p.

SANTOS, Átila Augusto dos. **SER LGBTI+ Negro/a Pentecostal:** um estudo da igreja inclusiva Nova Esperança em São Paulo (2004-2019)”. 2022. 143 folhas. Dissertação (Ciências da Religião) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2022.

VEIGA, Lucas, **As diásporas da bixa preta:** sobre ser negro e gay no Brasil. PPGEL – Salvador, Vol.: 12; nº. 01, junho de 2018.